Alcaçuz (Glycyrrhiza)

Proveniente da Europa Meridional, o Alcaçuz é uma planta que mede de 30 centímetros a 1 metro de altura, de caule ereto, folhas pecioladas, compostas por 9 a 17 folíolos ovais ou oblongos, inteiros, verdes, viscosos na página inferior; flores azul-claras ou lilás em cachos espiciformes cilíndricos; o fruto é uma vagem comprida, linear, com 3 ou 4 sementes castanhas (Reader's Digest, 1983). A droga vegetal possui odor fraco, porém característico e sabor muito doce, é constituída de raiz e rizoma, as quais são descritas assim na Farmacopéia Brasileira 3ª Edição (1977): "A droga é constituída de raízes e estolhos mondados, sendo privados do súber, do parênquima cortical e duma parte menor ou maior do floema. Ambos os órgãos apresentam-se em pedaços cilíndricos de 15 cm a 1 m de comprimento e de 0,5 a 4 cm de diâmetro de cor amarela, mostrando esquirolas fibrosas que se despregam da superfície. A fratura é fortemente fibrosa. Na secção transversal da raiz vêem-se: a zona do floema com estrias radiais distintas e, dentro do círculo cambial, a zona lenhosa de cor amarela mais escura que a da casca; esta zona apresenta alguns círculos concêntricos e estrias mais finas do que as do floema, que atingem os centros: as raízes mais velhas e espessas mostram freqüentemente estreitas fendas radiais contendo ar e são, portanto, de densidade menor que a da água, enquanto as raízes menores e os estolhos possuem uma estrutura mais densa, e densidade maior que a da água. A estrutura do estolho distingue-se da raiz por mostrar uma medula cilíndrica ou poligonal-arredondada."

Nome Científico: *Glycyrrhiza glabra* L. **Sinonímia:** *Glycyrrhiza brachycarpa* Boiss.; *Glycyrrhiza echinata* Lepech.; *Glycyrrhiza germanica* Tourn.; *Glycyrrhiza glandulifera* Waldst. et Kit.; *Glycyrrhiza hirsuta* L.; *Glycyrrhiza laevis* Pall.; *Glycyrrhiza officinalis* Lepech.; *Glycyrrhiza pallida* Boiss.; *Glycyrrhiza siliquosa* Tourn.; *Glycyrrhiza violacea* Boiss.; *Glycyrrhiza viscosa* Turcz. ex Ledeb.; *Glycyrrhiza vulgaris* Gueldenst. ex Ledeb; *Liquiritia officinalis* Moench; *Liquiritia officinarum* Medik (Soares, 2000).

Nome Popular: Alcaçuz, Alcaçuz verdadeiro, Regoliz, e Raiz-doce, em Portugal; Licorice e Sweet Root, em inglês; Ororuz, Palo Dulce, Regaliza, Regaliz e Regoliz, em espanhol; Regolizia, na Itália; Réglisse, na França; Lakritzenholz, na Alemanha; Lakris, na Dinamarca; Lakrycya, na Polônia; Lakrits, na Suécia (Soares, 2000).

Denominação Homeopática: GLYCYRRHIZA GLABRA
Família Botânica: Fabaceae
Parte Utilizada: Raiz
Princípios Ativos: Saponinas: glicirrizina (formada por sais de cálcio e potássio do ácido glicirrízico, que se desdobra por hidrólise em duas moléculas de ácido glicurônico e uma de ácido glicirrético) (Alonso, 1998), 24-OH-glicirrizina, glabraminas A e B, glicirretol, glabrolídeo e isoglabrolídeo (PR, 1998); **Flavonóides:** flavonas: liquiritosídeo; chalconas: isoliquiritigenina e isoquiritigenina; isoflavonas: glabrona; isoflavonóis: glabrol; **Cumarinas:** umbeliferona, herniarina, glicirrina, licuomarina (Alonso, 1998); **Fitosteróis:** estigmasterol e □-sitosterol (PR, 1998); **Óleo Essencial:** anetol, ácido propionico, butirolactona, eugenol, benzaldeído, pentanol, hexanol, □-acetilfurano, □-acetil-pirrol, □-terpineol, tuiona, fenchona, linalol, indol, □-nonalactona (Alonso, 1998).

Indicações e Ações Farmacológicas: O Alcaçuz é indicado nas afecções gastrintestinais, tais como: gastrite, úlceras gastrintestinais, refluxo gastroesofágico, espasmos gastrintestinais e prisão ventre; nas afecções respiratórias: tosse, bronquite e asma; no reumatismo e na artrite. Externamente é indicado na estomatite e na blefaroconjuntivite (PR, 1998).

A glicirricina é uma saponina com baixo índice hemolítico e apresenta um importante poder edulcorante (50 vezes mais doce que o açúcar), utilizado na indústria farmacêutica como agente corretivo de sabor, mascarando o sabor amargo de drogas como o Aloe, Cloreto de Amônio e Quinina. Empregado como veículo para uso oral, tem demonstrado inibir o desenvolvimento de bactérias e a formação de placas nos dentes (Segal R. et al.,1985). Também demonstrou possuir atividade antiinflamatória, antitusígena e expectorante (Hikino H., 1985; Handa, S. et al.,1992; San Lin R., 1994 apud Alonso, 1998).

A atividade antitusígena foi demonstrada através da supressão da tosse induzida por estímulos elétricos e químicos sobre o nervo laríngeo superior do gato, logo após a administração de glicirrizina (Wang Z., 1996 apud Alonso, 1998). Além disso, a glicirrizina demonstrou desde muito tempo potenciar a ação antiinflamatória da hidrocortisona em ratos (Gujral M. et al., 1961 apud Alonso, 1998). Outros flavonóides como o liquiritosídeo também demonstraram, in vitro, atividade antiinflamatória (Obolentseva G. e Khadzhai Y., 1966 apud Alonso, 1998).

Em modelos inflamatórios de edema plantar em ratos induzidos por carragenina, o ácido 18-alfa-glicirrético demonstrou possuir maior atividade que seu isômero beta, sendo o potencial de sua ação similar ao dos glicorticóides. Tanto a glicirricina como aglicona possuem efeito mineralocorticóide devido à inibição da □'-5-□-redutase ao nível hepático. As modificações na atividade de algumas enzimas produzidas pelo ácido glicirrético e hidrocortisona têm sido correlacionadas com o efeito antiartrítico, devido à similaridade estrutural de ambos compostos e sua atividade ao nível das supra-renais (Amagaya S. et al., 1984).

O estigmasterol e □-sitosterol possuem atividade estrogênica, o liquiritosídeo confere uma atividade antiespasmódica e carminativa (útil quando se associa o Alcaçuz com laxantes vegetais antraquinônicos) e o isoliquiritosídeo apresenta in vitro, ação antiagregante plaquetária comparável com o ácido acetil salicílico (Takada D. et al.1992 apud Alonso, 1998).

O ácido glicirrético é empregado em cosméticos como cicatrizante, antiinflamatório e descongestionante sob a forma de emulsão, talco ou pasta dental. Este ácido apresenta afinidade por receptores pertencentes aos leucócitos mononucleares destinados aos mineralocorticóides, o qual somado à inibição da enzima □'-5-□-redutase hepática e pode gerar uma síndrome de pseudohiperaldosteronismo (Armanini D. et al.,1989 apud Alonso, 1998).

Com relação à atividade antiulcerogênica, os flavonóides em seu conjunto promovem a secreção da mucosa gástrica e inibem a produção de pepsinogênio, tal como se observou em modelos de úlceras gástricas induzidas por ácido acetil salicílico (Dephour A. et al., 1994 apud Alonso, 1998).

O extrato metanólico de Alcaçuz tem demonstrado reduzir a produção de secretina, colaborando com o decréscimo da acidez gástrica (Shiratori K. et al.,1984 apud Alonso, 1998).

Em estudos comparativos com cimetidina, pode-se observar que esta substância apresenta um efeito antiácida maior que o Alcaçuz nos casos de úlceras gástricas, ao contrário era de maior grau as lesões ulcerosas no duodeno. Neste mesmo contexto, o Alcaçuz em doses de 760 mg, três vezes ao dia, demonstrou uma menor taxa de recidivas em todos os casos.

Para evitar os fenômenos do pseualdosteronismo pode-se promover a remoção de 97% do ácido glicirrético da formulação, criando o Alcaçuz desglicirrinizado (Castleman M., 1995 apud Alonso, 1998).

O Alcaçuz também age sobre o sistema nervoso central, sendo benéfico no mecanismo da ansiedade assim como a psicomotricidade e os estados convulsivos infantis. Tanto o liquiritosídeo como o isoliquiritosídeo têm demonstrado in vitro inibir a enzima monoaminooxidase, sendo útil na depressão (Segal R. et al.,1985 apud Alonso, 1998).

Toxicidade e Contra-indicações: O Alcaçuz é considerado de baixa toxicidade em comparação com os extratos puros de glicirricina. Devido a uma possível capacidade de gerar um quadro de pseudoaldosteronismo por ação mineralocorticóide (caracterizado por retenção de sódio, cloro e água, edema, hipertensão arterial e ocasionalmente mioglobinúria), é desaconselhável o consumo excessivo desta espécie (não ultrapassar um mês de dose contínua) (Alonso, 1998).

Até o momento relata-se na literatura médica 25 casos de pseudoaldosteronismo, observando-se em todos os casos altas concentrações de Alcaçuz na elaboração dos extratos ou de caramelo (pelo fato do Alcaçuz ser edulcorante). Para evitar esses problemas, pode-se substituir o Alcaçuz por Anis. Em outro plano, devido à atividade hormonal do Alcaçuz, foram demonstrados alguns casos de amenorréia (Corrocher R. et al., 1983 apud Alonso, 1998).

É contra-indicado o uso para indivíduos que sofram de hipertensão arterial, hiperestrogenismo e diabetes (PR, 1998).

Dosagem e Modo de Usar:

• Uso Interno:

- Decocção: 20 g/l, ferver durante cinco minutos e tomar 500 ml/dia (PR, 1998);

- Extrato Fluido (1:1): 30 a 50 gotas, uma a três vezes ao dia (PR, 1998);

- Tintura (1:5): 50-100 gotas, uma a três vezes ao dia (PR, 1998);

- Extrato Seco (5:1): 0,2 a 1 g/dia (PR, 1998);

- Pó: 2 a 5 gramas, uma a três vezes ao dia (PR, 1998);

- Extrato Mole: Doses de 0,5 a 1 g (quadros bronquicos) e 1,5 a 3 g (úlceras gastricas) (Alonso, 2007).

• Uso Externo:

- Infusão: 50 g/l. Isotonizar e aplicar sob a forma em compressas, colírios ou banhos oculares (blefarite e conjuntivite) (PR, 1998).

Referências Bibliográficas:

ALONSO, J. R. Tratado de Fitomedicina. Isis Ediciones. 1998.

ALONSO, J.R. Tratado de Fitofármacos y Nutracéuticos. Corpus. 2007.

FARMACOPÉIA BRASILEIRA. 3ª edição. 1977.

PR Vademecum de Precripción de Plantas Medicinales. CD-ROM. 3ª edição. 1998.

READER'S DIGEST Segredos e Virtudes das Plantas Medicinais. 1ª edição. 1983.

SOARES, A. D. Dicionário de Medicamentos Homeopáticos. Livraria Editora. 2000.

Quimer - Opção Natural de Qualidade.

Material do fabricante.